Álbum

Reunido o xurado do 35º Premio Cidade de Ourense o 5 de xullo do 2019, presidido polo concelleiro de Cultura do Concello de Ourense, Mario González Sánchez e composto por Celia Pereira Porto, Rochi Nóvoa e Carlos Da Aira, actuando como secretaria, con voz e sen voto, a técnica de Normalización Lingüística do Concello de Ourense, Mónica Fernández Valencia, acordou por unanimidade concederlle o premio á obra *Álbum,* de Charo Lopes.

1ª edición. 1ª impresión, 2020

© Charo Lopes

© Aira editorial
Follas Voadoras, SL
Praza da Torre Lombarda, 1 Baixo
32660 Allariz
aira@airaeditorial.gal
airaeditorial.gal

ISBN: 978-84-121324-4-1
Depósito legal: OU 57-2020

Accede á nosa web con este código e participa nos sorteos e promocións especiais para a comunidade lectora da Aira.

Deseño e maquetación: Miguel Mosquera.
Ilustración da cuberta: Miguel Robledo.
Fotografías interiores: Charo Lopes.
Correción: Gabriel Álvarez.

Reservados todos os dereitos. O contido desta obra está protexido pola lei, que prohibe a reprodución, plaxio, distribución ou comunicación pública, de todo ou dunha parte, dunha obra literaria, artística ou científica, ou a súa transformación, interpretación ou execución artística fixada en calquera tipo de soporte ou comunicada a través de calquera medio, sen autorización.

ÁLBUM

Charo Lopes

Aira

colección FinaRei

A visibilidade que nos faz vulneráveis é a nossa principal fonte de poder.

Audre Lorde

Eu não sou inocente. És tu?

Chantal Maillard

Cinta Rey retratada por Amalia Álvarez
no pinheiro onde fuzilaram o seu filho.

foto 1

mergulhar sem tapar o nariz
e ver debaixo da água
na ria de Ferrol

andar de três
numa bicicleta ladeira abaixo
sem medo a morrer

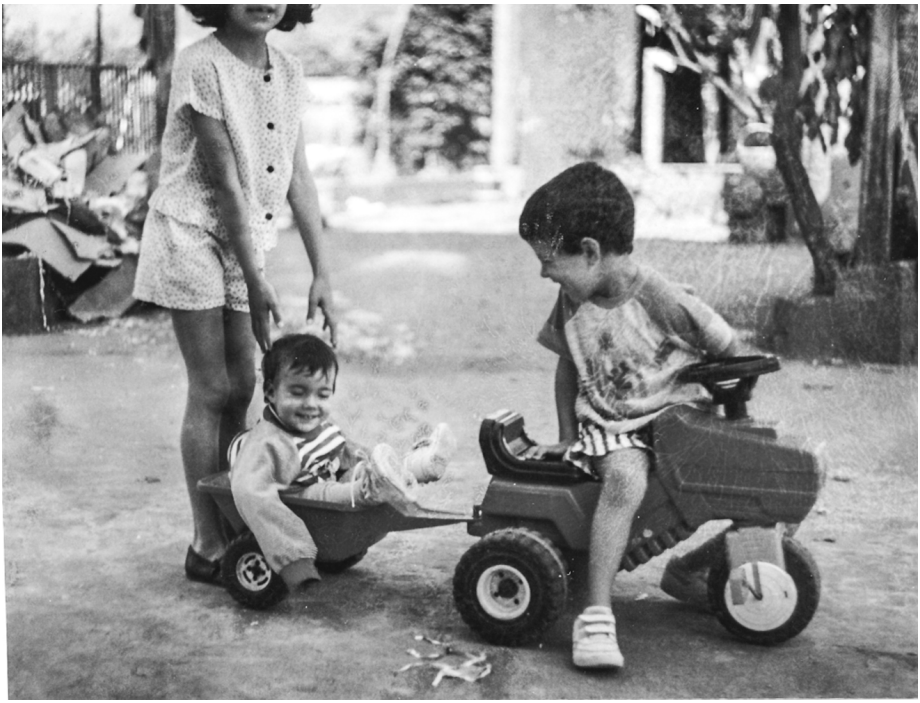
ir chorando para a escola
e chove e lamber a chuva que escorrega
e o ranho ao mesmo tempo

os meus amigos e mais eu
juramos não sorrir e
no instante decisivo
eu resisti

crianças entrelaçadas
viver era esse lugar
o equilíbrio

a linha entre a pele e o mundo
o trajeto da infância

o trajeto
a construir a crisálida



poema 1

que estranho um despertador as bicicletas estáticas as sentenças
[de morte
que um desconhecido che contagie um bocejo
no autobus
as pessoas que falam com deuses
que terror as salas de espera os colchões dos calabouços
as professoras que dizem isto sim, isto mal
eu, que sou uma senhora
sei das necessidades violentas do ressentimento
dos traumas que herdamos e frente a tudo
não sei,
acredito no amor *continuum* às crianças
para que não acabem os *chavales*
por se tornar polícias

foto 2

diante da janela a nena
a sua cabeça a a carão dum vaso com malvões em flor
a franzir as sobrancelhas

ela, fora do jardim

nena-mato selva égua a ser podada
e as espinhas começaram a medrar-lhe para dentro

poema 2

atrai-me o equilíbro da violência
talvez me resisto a viver
numa época histórica que não escolhi

aterra-me o custo de oportunidade;
como arriscar a escolher
sentindo que pode não ser a melhor opção?
É possível não-escolher?
decidir parar
como quem não vai decidir mais nada
fugir como se não houvesse mais opções
ficar, como se não houvesse mais opções
tapar os ouvidos com as mãos
como se fossem as mãos de outra

talvez me resisto a viver
num corpo que não escolhi

admiro as que combatem a lógica do cálculo
com estratégia e objetos contundentes
e invejo as que calculam e acertam
até os decimais

não lembro ter escolhido o medo à liberdade
e agora abafa-me o esforço
de ter que transformar estas circunstâncias
e mais ainda de ter que as assumir
e assim medra em mim o ressentimento
como um frio nos ossos
como morrer um bocado

como desfrutar rabunhando
na própria pele
ou a emergência de castigar
os culpáveis

a que responde este poema?
fala do suicídio ou da risa
da pertinência duma sabotagem niilista

mas não sei se é útil socializar tanta raiva
que se me veja a ira, não sei,
não sei o que é útil e para que
este livro
este poema
como uma sobremesa amarga
uma pintura amarela de limões
na sala de espera dum dentista
o quarto do *vis-à-vis*
como um canil como um astro
como o único lugar do mundo

abraçar é esquecer que morremos
ou que não importe que morremos
porque somos abraçadas
para mim é receber uma ofrenda
este lugar três vezes
este corpo esta trincheira
esta raiva nutrícia
esta diversidade funcional

e o Teto dixo
vale a pena a pena
quando no fim o abraço rompe o
saúdo
e se converte num idioma sem gramática
como uma receita a olho

numa cozinha qualquer
as cozinhas
as salas de *vis-à-vis*
o transporte público
um idioma sem gramática
um idioma
o tacto dos corpos vivos

comemos um sanduíche
de queijo com marmelo
que sabia a prisão
algumas vezes anula-se o sentido
do gosto porque
as cozinhas são também arsenais de guerra
facas, olas a pressão

mas é a dose a que fai o veneno
o que nos nutre
o que nos destrói

não podemos calcular a dose
não escolhemos nós estar nesta guerra
mas há algo irrenunciável:
o abraço
enterrar o corpo de polinices
enterrar o corpo de polinices